

**SINA DE UM TROPEIRO**  
(Carlos Eugênio Costa da Silva)

Passo a passo cuidadoso  
emalou os seus arreios:  
bucal, peiteira, o freio,  
carona, basto e pelego.  
O arrelhador por apego  
segurou em sua mão  
enquanto apertava tudo  
com o látego do cinchão.

Pai, larga esta vida  
“bamo” embora da cidade,  
tu não tem necessidade  
nem condições pra ficar.  
Vamos, eu vim te buscar,  
te agasalhar no meu teto,  
te esperam ansiosos  
a tua nora e teu neto.

Olhou firme no horizonte  
como enxergando uma vida,  
ou quem sabe a despedida  
entre terra e peão.  
Trapeiro por profissão,  
Serrano de nascimento  
viu a velhice e o cansaço  
lhe tirarem o sustento.

Se foi pra dentro “das casa”  
pegou o chapéu, a mala:  
pro frio vou levar meu pala,  
minhas botas e meu lenço.  
Cidade é dura e já penso  
não vou me acostumar,  
mas juro, nada me impede  
de pro campo retornar.

Embarcou na camionete,  
quieto, em silêncio, calado,  
e o coração apertado  
era potro em disparada.  
A tropa berra abombada  
e ele quieto, calado,  
sentiu camperear as lágrimas  
naquele rosto enrugado.

Passou toda a viagem  
em nada atenção prestando:  
-Pai, já estamos chegando

seja bem-vindo a cidade,  
sei que é contra tua vontade  
mas tenta te acostumar,  
trabalhaste a vida inteira  
agora tens que descansar.

Subiu pro apartamento  
embretado no elevador:  
-Filho, não guarde rancor  
mas a este velho entenda,  
eu longe lá na fazenda  
por mais que tenha carinho  
sou ovelha em meio ao sorro,  
sou um pássaro sem ninho.

Foi camperear pelas ruas  
sem ter paradeiro certo,  
não tinha gado por perto,  
brete, pastagem, balança,  
somente a esperança,  
não havendo melhor sorte  
ir tropear gado de sonhos  
no lombo duro da morte.

Só via tropas de lata  
em corredores de asfalto,  
buzinas, roncões bem alto  
vibravam fundo na alma,  
e antes de perder a calma  
com os fatos do dia a dia  
no semblante de seu neto  
esqueceu tudo que via.

Teve sua infância humilde  
passando diante de si,  
de quando era um guri  
de bombacha remangada,  
sem a preocupação de nada  
sem mágoas no coração,  
e seu mundo era os brinquedos  
e o petiço alazão.

Lembrou do banho de sanga,  
Da funda de laranjeira,  
das apostas na carreira:  
-dou dobre e luz para o baio.  
Dos olhares de soslaio  
pra menina apaixonada  
e a escramuça no cavalo  
encantava a namorada.

Lembrou das lides gaúchas:  
Banho, dose, marcação.  
Da doma: tombo no chão  
até deixar de ter medo.  
Da ordenha feita bem cedo  
seguida da reculuta,  
depois do almoço a seteada  
saboreando alguma fruta.

-Pai, Pai, te atina. O que é isso,  
anda sonhando acordado,  
pensativo ai parado  
até parece um tumbeiro.  
Onde está aquele tropeiro  
de pé com a madrugada,  
que entre trabalho e causo,  
nunca parava, por nada.

Ah Pai, que é que eu faço,  
tu vida aqui empaca,  
touro em campo alheio é vaca  
assim nos diz o ditado.  
Pega as coisas num riscado,  
não adianta, é teu destino,  
pois quem nasceu pra tropeiro  
nunca será citadino.